

parte, na qual o autor empreende várias ligações surpreendentes, por exemplo, à política brasileira e ao capitalismo em geral (entre outras: 383-84, 391 ss., 412, 432, 436), convoca filmes como *Poltergeist*, de Tobe Hooper (395-98), e *O Ornitológico*, de João Pedro Rodrigues (434-36), canções como «Highway to Hell», dos AC/DC (374-75, 382), ou, ainda, parte de premissas singulares para chegar à obra: uma frase peremptória de outro poeta-ensaísta, Jorge Fernandes da Silveira (que foi também o orientador da tese), como «Herberto Helder é um poeta autoritário», desconstruindo-a (391 ss.), uma professora que dizia que ler poesia à noite cria insónias (490 ss.).

*Do Mundo de Herberto Helder* é um livro muito próximo da obra helderiana — a escolha de leitura que faz não será, felizmente, consensual —, e esse aspecto, uma espécie de hibridismo entre a obra e a própria escrita ensaística de Luis Maffei, torna-o particularmente singular.

Rita Novas Miranda

#### NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

<sup>1</sup> Num ensaio sobre *Comunicação Académica*, Rubim escreve: «Começa-se a suspeitar de que poucas coisas serão tão falsas como a suposição de que todos sabemos exatamente do que se está a falar quando, a propósito de Herberto Helder, falamos de 'obra poética' ou, simplesmente, de 'poema'. [...] E se, por exemplo, a fórmula do 'poema contínuo' que entre certas datas Herberto Helder escolheu para designar o volume da sua poesia completa servisse rigorosamente para designar uma condição única, exclusiva, do poema, impossível de encontrar fora desse volume?» («Um Texto Estranho», *Textos e Pretextos*, n.º 17, 2012, p. 11).

<sup>2</sup> «Herberto Helder ou 'A Estrela Plenária'», prefácio a *Le Poème continu. Somme anthologique*, de Herberto Helder, edição bilingue, Paris, Institut Camões/Chandeigne, 2002, p. 382.

Maria Graciete Besse  
LÍDIA JORGE ET LE SOL DU  
MONDE

UNE ÉCRITURE DE L'ÉTHIQUE AU  
FÉMININ

Prefácio de Lídia Jorge

Paris, L'Harmattan / 2015

*Lídia Jorge et le Sol du Monde* é um ensaio monográfico sobre a obra de Lídia Jorge que ilustra a importância e a qualidade da investigação sobre a literatura portuguesa contemporânea feita em universidades estrangeiras, neste caso em França. Articula-se com o trabalho consequente e zeloso de tradução e projeção pública de escritores portugueses naquele país, com especial relevo para Lídia Jorge. Simultaneamente, resulta do percurso sólido da sua autora, Maria Graciete Besse, que há muito vem ensinando e escrevendo sobre a ficção portuguesa, mais ainda a de autoria feminina.

O eixo crítico escolhido é o da ética da solicitude e da responsabilidade que, no seu entender, modela, de formas diversas, a obra da romancista, desde a estreia em *O Dia dos Prodígios* (1980) até *Os Memoráveis* (2014). A própria escritora, no prefácio ao presente estudo, confirma o acerto desta escolha temática, quando define os seus livros como «mes batailles en forme de narration» (9) ou «une sorte de chronique de dévoilement de l'espace contemporain que j'ai pu vivre et sur lequel je peux témoigner» (11). Veja-se ainda que o título *Lídia Jorge et le Sol du Monde* é colhido numa breve evocação autobiográfica (intitulada «Os Dois Lados do Mundo» e patente na exposição *Dia dos Prodígios — Lídia Jorge, 30 Anos de Escrita Publicada*, com organização da Câmara Municipal de Loulé, 2010-2011) em que a escritora remetia para um episódio infantil a matriz da preocupação ético-social, reiteradamente afirmada pela sua obra.

É então a constante observação ficcional dos destinos privados sob o impacto da nossa história coletiva que leva Maria Graciete Besse a explorar em Lídia Jorge as relações entre ética e literatura, munindo-se de instrumentos críticos oriundos da filosofia, da teoria literária ou da mitocrítica, antes de mais. Entende a literatura como «recherche et puissance» (26) e «échange et transmission» (116), com efeitos potencialmente transformadores sobre quem lê. Ao articular a ética, a estética e a política, Besse convoca, em especial, as formulações de Thomas Pavel e do pensamento feminista de Carol Gilligan e Joan Tronto, para assim apresentar a literatura enquanto laboratório de inquirição da complexidade humana e dos seus valores, de reabilitação de emoções e sentimentos, integrados no quadro de uma teoria moral e social.

O ensaio organiza-se em torno de três grandes secções que analisam romances e contos de Lídia Jorge, seguindo quase sempre a sequência cronológica da sua publicação. Daí resulta uma visão de conjunto bem sustentada que consegue identificar constantes, mutações e diálogos cruzados entre obras de tempos diferentes.

Elege-se, em primeiro lugar, a questão da memória arcaica e da vulnerabilidade das personagens para estudar os primeiros títulos da romancista: *O Dia dos Prodigios* (1980), *O Cais das Merendas* (1982) e *Notícia da Cidade Silvestre* (1984). Estes romances fixam a busca identitária de mulheres e camponeses; no caso das duas primeiras obras, as personagens são habitantes do Algarve, a paisagem sentimental por excelência de Lídia Jorge. Na ótica da ensaísta, tais figuras protagonizam o sentimento de perda e o imaginário do retorno, numa divisão sobressaltada entre a força da tradição e do mito e a convocação inelutável da modernidade, tome esta a forma de uma revolução (o 25 de Abril),

da migração alienante de rurais para o litoral turístico ou do desamparo feminino na cidade grande.

De seguida, a responsabilidade face à violência social do mundo constitui o tópico crítico para a análise de um tríptico romanesco publicado em três décadas distintas, e a que, de resto, se poderia juntar o subcapítulo (inserido na parte I do ensaio) dedicado ao conto epónimo de *Marido e Outros Contos* (1997): *A Costa dos Murmúrios* (1988), *O Vale da Paixão* (1998) e *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002). É decerto nesta secção que *Lídia Jorge et le Sol du Monde* ganha maior densidade analítica. Com base em conceitos de Benjamin, Agamben e Foucault, são evidenciadas as marcas do poder e da violência física ou simbólica exercida sobre o corpo das mulheres mas também os caminhos de algumas delas para desafiar a sua condenação e reivindicarem para si um papel de sujeito. Assim sucede em *A Costa dos Murmúrios*, onde se dá voz a essa experiência violentada e votada ao ostracismo, pondo com ela em xeque a supremacia patriarcal e os pilares falsos e opressores do discurso salazarista sobre o império e a guerra.

A responsabilidade ética da obra de Lídia Jorge motiva, por último, o tema da precariedade humana numa sociedade corroída pelo simulacro, pela corrupção e pela desordem individualista e desmemoriada, em romances como *O Jardim sem Limites* (1995) e, mais recentemente, em *Combateremos a Sombra* (2007), *A Noite das Mulheres Cantoras* (2011) e *Os Memoráveis* (2014). O *ethos* autoral testemunha o ar de um tempo caótico mas que, em contramão, reivindica a urgência do trabalho de memória das heranças do passado e a reinvenção da dignidade humana e da utopia. Maria Graciete Besse traduz nestes termos a representação que Lídia Jorge faz dessa vivência desamparada dos

dias contemporâneos: «Ses récits mobilisent les figures de l'obstacle et de la perte, font résonner le rythme des mouvements chaotiques de l'âme, qui s'associent à la beauté du langage pour dire le désordre, l'impuissance face à l'injustice, mais aussi le sursaut civique, la compassion et le désir intense d'hospitalité» (252).

Graças à já referida ética da solicitude (tradicionalmente associada ao feminino) e da responsabilidade, Lídia Jorge dá a ver em palavras criadoras gente vulnerável, marginalizada e silenciada do Portugal colonial e pós-colonial; com ela interroga, no entrelaçar dos afetos e no pormenor das vidas anódinas, a violência social e a aceleração histórica daquele tempo coletivo. E fá-lo sempre com empenho *po-ético*: «Son écriture mobilise une expérience de la temporalité, dont la configuration éclatée dessine l'invention d'un mode de narration non linéaire, fait d'épaisseur lumineuse qui, loin d'abolir le temps, en condense toute la poésie» (25).

Em *Lídia Jorge et le Sol du Monde*, são por isso regulares as observações muito pertinentes e desafiadoras sobre o trabalho de escrita, sobre os diálogos intertextuais que a escritora estabelece, nomeadamente com um género literário como o romance policial, em *Combateremos a Sombra*. Tão ou mais relevante é o impacto assinalado das artes visuais, da fotografia e sobretudo do cinema, na composição interior das personagens e na inovação fragmentária do desenho narrativo. Aí está uma luminosa pista de leitura a merecer maior aprofundamento e exemplificação textual, mas que, a ser seguida, poderia comprometer a amplitude cronológica das obras estudadas, o equilíbrio da argumentação e o propósito de divulgação crítica da romancista, que este ensaio claramente denota.

A escritora em estudo combina deste modo uma atitude poderosamente ética

com a elaboração da escrita narrativa, o que equivale a um «engagement manqué» (116), conceito que Maria Graciete Besse vai buscar a *Essais Critiques* (1964), de Roland Barthes. Com ele Barthes foi uma charneira nos debates intelectuais da França dos meados do século XX (que opuseram, por exemplo, Sartre e Bataille) sobre a intervenção social do escritor e os seus efeitos na qualidade da obra artística. O termo tem, por isso, a marca daquele contexto em que ganhou força a recusa do *engagement* do escritor, não raro em proveito de uma ortodoxia do literário concebido como radicalmente intransitivo e separado da esfera política<sup>1</sup>. Já Barthes adotou uma posição sensata sobre o assunto. É certo que, ao falar em «engagement manqué», parece tornar forçoso — o que é discutível — o desajuste entre a responsabilidade do artista enquanto tal na sua oficina e a responsabilidade política que lhe cabe perante o mundo social. Em todo o caso, a posição barthesiana é justa, na medida em que entende a linguagem não como instrumento (ao serviço de mensagens políticas), mas como matéria cuja invenção é a forma de o escritor marcar a sua diferença, sem quebrar a necessária participação no mundo: «L'écrivain est un homme qui absorbe le *pourquoi* du monde dans un *comment* écrire.» Assim o defende também Maria Graciete Besse, com toda a propriedade, para ler criticamente o *chão do mundo* ficcionado por Lídia Jorge.

Carina Infante do Carmo

#### NOTA

<sup>1</sup> Cf. Benoît Denis, «Engagement littéraire et morale de la littérature», in Emmanuel Boujou (dir.), *L'Engagement littéraire*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2005, p. 31-42; disponível em <<http://books.openedition.org/pur/30028>>.